



VICTÓRIA ALMEIDA MOREIRA

**EFEITOS DAS ATIVIDADES AQUÁTICAS NA VIDA DA CRIANÇA
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Conceição do Coité-BA
2025

VICTÓRIA ALMEIDA MOREIRA

**EFEITOS DAS ATIVIDADES AQUÁTICAS NO DESENVOLVIMENTO
DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Artigo científico apresentado à Faculdade da
Região Sisaleira como Trabalho de
Conclusão de Curso para obtenção do título
de Bacharel em Educação física

Orientador: Msc. Clebson dos Santos Mota

Conceição do Coité-BA
2025

Ficha Catalográfica elaborada por:
Keite Birne de Lira – Bibliotecária
CRB: 5/1953

M838

Moreira, Victória Almeida

Efeitos das atividades aquáticas no desenvolvimento da criança com transtorno do espectro autista – TEA / Victória Almeida Moreira – Conceição do Coité: FARESI, 2025.
30f.;

Orientador: Prof. Clebson dos Santos Mota.

Artigo científico (bacharel) em Educação Física. – Faculdade da Região Sisaleira - FARESI. Conceição do Coité, 2025.

1. Atividades aquáticas. 2. Crianças com autismo. 3. Atuação do profissional de educação física. 4. Desenvolvimento humano.
I. Faculdade da Região Sisaleira – FARESI. II. Mota, Clebson dos Santos. III. Título.

CDD: 613.716

VICTÓRIA ALMEIDA MOREIRA

**EFEITOS DAS ATIVIDADES AQUÁTICAS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física pela Faculdade da Região Sisaleira.

Aprovado em 10 de dezembro de 2025.

Banca Examinadora:

Clebson dos Santos Mota / docente.clebson.mota@faresi.edu.br

Rafael Reis Bacelar Antón / tcc@faresi.edu.br

Adeise Lopes de Oliveira Almeida / docente.adeise.almeida@faresi.edu.br



Rafael Reis Bacelar Antón
Presidente da banca examinadora
Coordenação de TCC – FARESI

Conceição do Coité – BA
2025

Dedico este estudo a minha avó (in memória) que não teve a oportunidade de receber um diagnóstico e suas respectivas intervenções terapêuticas. Assim também como a Maria, uma criança fantástica, em que tive a honra de conhecer no estágio e foi minha primeira aluna de natação com TEA, a ela todo o meu carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me permitiu viver e chegar até aqui. Agradeço aos meus pais, aos quais sou eternamente grata por me conduzirem no caminho do respeito, solidariedade e amor.

Aos meus familiares, obrigada por serem ponte entre o meu sonho e a realização dele.

Ao meu namorado, que, em momento de perda do que um dia foi seu sonho, me ensinou a olhar para frente, e valorizar o essencial.

Às minhas amigas construídas na faculdade, que caminharam lado a lado, com muita lealdade e afeto.

Aos grandes mestres que contribuíram para minha formação, desde a educação infantil à graduação, em especial o meu orientador Msc. Clebson Mota, obrigada por plantarem lindas sementes em minha vida.

Espero que um dia elas venham a florescer sendo aroma a vocês.

Aos velhos e bons amigos, estou voltando.

EFEITO DAS ATIVIDADES AQUÁTICAS NA VIDA DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA- TEA

Victória Almeida Moreira¹
Clebson dos Santos Mota²

RESUMO

O presente artigo objetiva-se na efetividade das atividades aquáticas para a vida de crianças com autismo. Como referencial teórico dividimos nas respectivas subseções: Desenvolvimento humano/ infâncias entendendo as fases do desenvolvimento típico infantil (GALLAHUE, OZMUN E GOODWAY, 2013; VYGOTSKY 2011), o Transtorno do Espectro Autismo com seus respectivos níveis e déficits (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014; ASSUMPÇÃO E KUCZYNSKI, 2015), em sequência as atividades aquáticas e seus benefícios de forma integral no desenvolvimento da infância com autismo (FREIRE e TOSTA, 2020; MELO, 2020; VELASCO, 2019), o último item do referencial teórico retrata a Atuação do profissional de Educação Física em práticas aquáticas direcionadas a crianças com TEA, assim como a afetividade metodologia (FREIRE e SCHWARTZ, 2005; CUMPIAN, 2016). Como metodologia para o estudo temos uma abordagem qualitativa de natureza descritiva, onde foi analisado 13 estudos com recorte temporal de 15 anos. Aos resultados encontrados nota-se que as atividades aquáticas contribuem para a qualidade de vida das crianças com autismos, visto que os benefícios estão na socialização, melhora do desenvolvimento motor, melhora na cognição, assim conseguem acessar o aluno de forma biopsicossocial. Contudo concluímos que as atividades aquáticas se fazem muito importante entre as intervenções multidisciplinares da criança com autismo, devido a melhora da integração com outros colegas, melhora na atenção, diminuição dos espasmos, melhor aceitação de comandos verbais, melhora na autonomia, equilíbrio, flexibilidade e melhora na realização de movimentos, assim os exercícios aquáticos contribuem na qualidade de vida da criança com autismo e das pessoas responsáveis pelos seus cuidados.

Palavras-chave: Atividades aquáticas; crianças com autismo; atuação do profissional de educação física; Desenvolvimento humano.

1 Discente do curso de Bacharelado em Educação Física. E-mail: victoria.moreira@faresi.edu.br.

2 Orientador. Prof. Msc. do curso de Bacharelado em Educação Física. E-mail: docente.clebson.mota@faresi.edu.br

ABSTRACT

The present article aims to examine the effectiveness of aquatic activities in the lives of children with autism. As the theoretical framework, we divided the study into the following subsections: Human development/childhoods, understanding the stages of typical child development (GALLAHUE, OZMUN & GOODWAY, 2013; VYGOTSKY, 2011); Autism Spectrum Disorder and its respective levels and deficits (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014; ASSUMPÇÃO & KUCZYNSKI, 2015); followed by aquatic activities and their comprehensive benefits for the development of children with autism (FREIRE & TOSTA, 2020; MELO, 2020; VELASCO, 2019). The final item of the theoretical framework addresses the role of the Physical Education professional in aquatic practices directed toward children with ASD, as well as affective methodology (FREIRE & SCHWARTZ, 2005; CUMPIAN, 2016). For the study's methodology, we adopted a qualitative approach of a descriptive nature, analyzing 13 studies within a 15-year time frame. Based on the results found, aquatic activities contribute to the quality of life of children with autism, given that the benefits relate to socialization, improved motor development, enhanced cognition, and access to the child from a biopsychosocial perspective. Therefore, we conclude that aquatic activities are highly important among the multidisciplinary interventions for children with autism, due to improvements in interaction with peers, increased attention, reduction of spasms, better acceptance of verbal commands, enhanced autonomy, balance, flexibility, and improved execution of movements. Thus, aquatic exercises contribute to the quality of life of both the child with autism and their caregivers.

Keywords: *Aquatic activities; Children with autism; Role of the physical education professional; Human development.*

1. INTRODUÇÃO

As atividades aquáticas são classificadas em exercícios físicos realizados no ambiente aquático, assim como a natação, hidroginástica, hidroterapia e psicomotricidade aquática. A estimulação aquática é o exercício físico mais recomendado para as crianças, podendo ser realizado desde a primeira infância. Devido aos estímulos motores apresentados, crianças que praticam natação já na primeira infância conseguem desenvolver suas habilidades motoras mais rápido, conseguindo ativar o tônus muscular e conseqüentemente conseguem caminhar mais cedo. Dentre as estimulações podemos dar foco ao fortalecimento muscular, consciência corporal, coordenação motora, equilíbrio, autoconfiança e capacidade de executar tarefas do cotidiano.

A infância é a primeira fase do desenvolvimento humano após o período intrauterino, está dividida segundo Papalia e Martorell (2021) em três etapas distintas, 1ª infância, 2ª infância e 3ª infância e apresentam características bem peculiares entre elas, é marcada por estimulações e memória que ficam registrados em nosso subconsciente para toda a vida.

A aprendizagem se baseia a partir de estímulos, a pessoa com autismo precisa de acesso a diferentes estímulos, de forma gradual e contínua. A educação física tem o objetivo de usar movimentos para melhorar a qualidade de vida, agindo no desempenho motor não só dos músculos esqueléticos, mas de todos os sistemas do corpo humano.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um desarranjo do neurodesenvolvimento humano que apresenta sinais desde a infância. O diagnóstico é o primeiro passo para começar as intervenções necessárias para o indivíduo. O TEA não possui cura, mas existem muitas intervenções para que essas pessoas vivam com melhores condições de vida, é chamado tratamento multidisciplinar (ASSUMPÇÃO e KUCZYNSKI, 2015).

O transtorno do espectro autista é um transtorno do desenvolvimento que foi citado inicialmente no início do século XX, ganhando mais visibilidade no século XXI, pessoas atípicas que viveram no século passado, eram tratados com muita crueldade e desumanidade. Sabe-se que por muitos séculos essas pessoas foram silenciadas, escondidas e abafadas, para que a sociedade pudesse ficar livre das necessidades especiais daqueles que eram tratados de forma desprezada. Muitas

famílias tinham vergonha de mostrar pessoas que muitas vezes eram tratados como aberrações, O governo da época acreditava em ideais que deveriam excluir essas pessoas da sociedade, vetando-a de todos os seus direitos como seres humanos. (FIGUEIRÊDO, DELEVATI e TAVARES, 2014)

Com o passar dos anos as formas de tratamento foram evoluindo e essas pessoas foram reinseridas na sociedade. Hoje sabemos que o tratamento deve ser multidisciplinar para que de forma unificada uma terapia venha a apoiar a outra tornando a vida dessas pessoas mais estimuladas, já que a estimulação precede a aprendizagem.

Dentre as diversas intervenções podemos apresentar a prática regular de exercícios físicos dos quais temos as atividades aquáticas como opção significativamente importante nesse processo. As atividades aquáticas possuem alta capacidade de estimulação não apenas muscular, mas psicossocial. Através da água e suas capacidades físicas o aluno consegue se acalmar e realizar atividades que melhora sua qualidade de vida. Aprendizagem motora, capacidades físicas do corpo e socialização são habilidades inegociáveis nas atividades aquáticas.

De acordo com Antunes (2006) exercício físico pode otimizar a performance cognitiva para a realização de tarefas complexas. Verifica-se essa condição em estudos que demonstram aumento dos níveis de neurotransmissores e aumento da melhora cognitiva em indivíduos com prejuízo mental. Além de que vários estudos estão relacionando o condicionamento cardiorrespiratório a funções cognitivas, visuo-espacial e executiva.

A relação entre TEA e atividades aquáticas ainda é um tema a ser explorado pelos estudiosos, no entanto já existe muitos estudos que comprovam a eficácia dessas atividades na qualidade de vida dessas crianças. O público autista está chegando nos ambientes aquáticos e os profissionais de educação física estão habilitados para contribuir na vida dessas crianças com excelência.

Este estudo foi motivado a partir da necessidade de ampliação dos conhecimentos acerca da temática que foi apresentada em momentos específicos da graduação como estágios, vivências em disciplinas, devido a necessidade de contribuir na vida de crianças com autismo e qualificar a intervenção do profissional de Educação Física.

Esse público necessita de intervenções funcionais, aplicadas por profissionais sensíveis para acolhe-los e entende-los, diferente das crueldades que aconteceram nos séculos passados, onde pessoas atípicas eram tratadas de forma desumana. As atividades aquáticas contribuem de forma biopsicossocial em seu desenvolvimento. Existe muitas crianças com necessidade desse estímulo sensorial, no entanto existe poucos profissionais na área da Educação física disponíveis para exercer tal função.

Diante do exposto o objetivo geral deste estudo é: discutir os efeitos das atividades aquáticas na qualidade de vida de crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA.

2. METODOLOGIA

O presente estudo é de abordagem qualitativa de natureza descritiva, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, buscando interpretar e compreender os dados da literatura estudada sobre os efeitos das atividades aquáticas no desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista- TEA.

A partir de uma busca em banco de dados acadêmicos (Google Acadêmico e Scielo) foram selecionadas 13 pesquisas que discutissem sobre a temática central deste estudo a análise de dados se deu a partir da leitura na integra dos artigos selecionados, buscando destacar porções de sentido que respondessem ao nosso objetivo geral. Para a busca das pesquisas utilizamos os seguintes descritores: autismo, atividades aquáticas, exercício aquático e infância.

Para critério de inclusão foram selecionados artigos que relacionassem o autismo infantil aos exercícios aquáticos, estudos que fossem publicados em língua portuguesa e que estivesse em um recorte de 2010 a 2025.

Enquanto os critérios de exclusão, utilizou-se de estudos que não tratavam especificamente de intervenções aquáticas, assim também como intervenções aquáticas para outros públicos que não fossem especificamente o autismo na infância. Para as análises e discussões deste estudo, foram utilizados 13 artigos com pesquisas de campo ou estudos de caso com o recorte atemporal de 15 anos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 DESENVOLVIMENTO HUMANO/ INFÂNCIAS

O desenvolvimento motor está relacionado ao conjunto de mudanças adaptativas para melhora de tais habilidades, são formadas por fatores biológicos, ambientais e de resolução de tarefas motoras. As experiências da criança são determinantes nesse processo (CUMPIAN, 2016).

É na infância que o desenvolvimento motor acontece. Já na placenta o bebê começa a realizar os seus primeiros movimentos, estes são nominados movimentos reflexivos, pois acontecem de forma involuntária até os 4 meses de nascimento, é nessa fase que começa o processo de decodificação de informações. O desenvolvimento sensorio motor começa e os movimentos voluntários vão chegando. Em seguida os movimentos rudimentares vão surgindo, proporcionando ao bebê o controle do pescoço, músculos do abdômen e a tentativa de manipulação motora. O desenvolvimento do córtex proporciona um aumento significativo em movimentos voluntários. Em torno do primeiro ano a criança começa a ter um pré-controle motor, aprendendo a manter o equilíbrio e controle de objetos. Na fase de habilidades fundamentais a criança já está explorando o ambiente, conhecendo seu corpo e habilidades como equilíbrio em um pé só, caminhar com firmeza e correr. Os elementos locomotores, manipulativos e estabilizadores da criança acontece na maioria entre de 2 anos, podendo ser antes ou depois. Através do brincar, a criança aprende novas ações como a locomoção, manipulação e estabilidades fundamentais, entre o 2º e 3º ano elas possuem movimentos inseguros em relação ao espaço, por volta dos 4 aos 5 anos começam a sentir segurança em realizar movimentos. Tais ações despertam autonomia e confiança nas crianças. Por volta dos 8 anos o crescimento motor está mais lento em oposição as fases iniciais, este dura até o estirão da adolescência, nesta fase a mão preferencial já está definida, assim como o desenvolvimento do sistema de percepção visual, essa fase traz o desenvolvimento das habilidades motoras (GALLAHUE, OZMUN e GOODWAY, 2013)

O desenvolvimento cognitivo e psicossocial na infância possui seus marcos, sendo respectivamente: 1º infância- 0 ao 3 anos de nascimento, caracteriza-se por aprender e lembrar, uso de símbolos e capacidade de resolver problemas, formação de vínculos afetivos, passagem de dependência para autonomia; 2º

infância- 3 aos 6 anos, ideias irreais sobre o mundo, aperfeiçoamento da memória e linguagem, evolução da independência e desejo de controle, brincadeiras mais complexas e imaginação fervorosa; 3ª infância- 6 aos 11 anos, desenvolvimento do pensamento lógico, ganham visibilidade necessidades educacionais e talentos, os amigos ganham importância e o controle gradual passa de pais para filho (RISSON apud PAPALIA e FELDMAN, 2019)

“A criança é sempre capaz de fazer mais e resolver tarefas mais difíceis em colaboração, sob direção ou mediante algum tipo de auxílio do que independentemente” (CHAIKLIN apud VYGOTSKY 2011 p. 17).

O jogo é uma ferramenta importante para o aprendizado, pois proporciona o estabelecimento de regras e valores (CUMPIAN 2016).

O brincar das crianças é o modo primário pelo qual aprendem sobre seus corpos e potencialidades de movimento. Também é um importante facilitador do crescimento cognitivo e afetivo da criança mais nova, assim como importante recurso para o desenvolvimento tanto das habilidades amplas quanto das finas. (GALLAHUE et al. 2013 p. 197- 198).

A cada fase da infância o corpo humano trabalha no desenvolvimento de diferentes funções, ou ainda, aperfeiçoamento de habilidades. A ludicidade atua em um desenvolvimento mais eficaz e seguro.

3.2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

De acordo com a história os seres humanos buscam a perfeição dos indivíduos desde os milênios passados. Na idade média os bebês que nasciam com qualquer formação física fora do padrão, por mínima que fosse, eram abandonados em florestas, rios e desertos para esperarem o encontro da morte, seja por falta de alimento e hidratação, ou até mesmo serem devorados por animais ferozes.

Acreditava-se que aquelas crianças eram amaldiçoadas ou que possuíam espíritos malignos. Registros históricos mostram o quanto a sociedade foi extremamente exclusiva para pessoas deficientes. Na Grécia os deuses gregos possuíam sempre aparência admirável, reforçando a presença das divindades através do belo, do corpo perfeito. Posteriormente na Roma antiga existiu uma lei,

a Lei das XII Tábuas 450 a.c. onde os pais poderiam executar os filhos que não tivessem dentro do padrão esperado da raça humana (KUTIANSKI e BRAUER 2013).

Os manicômios surgiram com o objetivo de tirar essas pessoas da sociedade, preservar a imagem das famílias e poupa-los dos trabalhos e de todas as necessidades que tais pessoas precisavam. Inicialmente o poder público recolhia os chamados loucos e depositavam em algum tipo de edifício fechado, que muitas vezes era administrado por instituições religiosas. Posteriormente surgiu as chamadas instituições hospitalares, contra tanto, muitos deles tinham como funcionários pessoas religiosas e não médicos terapêuticos. A partir do século XIX instituições com tratamentos médicos que acolhiam apenas deficientes mentais surgiram e foram chamadas oficialmente de manicômios. Paradoxalmente as condições eram desumanas, neste local não estavam apenas pessoas com deficiências mentais, mas também pessoas que se tornaram incomodo para alguém de poder, assim também como epiléticos, prostitutas, alcoólicos e homossexuais. Além disso, muitos deles morreram de frio, fome e doenças. Essas instituições ainda se justificavam que estavam fazendo um filtro na sociedade e que disciplinavam corpos e comportamentos. No Brasil foi criado o primeiro hospício/ hospital psiquiátrico em 1852 o Hospício Dom Pedro II na cidade do Rio de Janeiro que possuía o mesmo padrão de tratamento. A causa antimanicomial ganhou voz na sociedade a partir de 1980, quando ligas e organizações começaram a se manifestar pela reintegração familiar. Conferencias pela saúde mental foram acontecendo pelo mundo e os manicômios foram ficando para trás, deixando sua marca negativa na história. (FIGUEIRÊDO, DELEVATI e TAVARES, 2014)

Sinais do que mais tarde seria denominado com autismo foi observado em 1911 por Eugene Bleuler em crianças com esquizofrenias, que apresentavam a perca de contato com a realidade e dificuldades de comunicação. Três décadas depois Léo Kanner publicou um artigo, no qual estudou os comportamentos de 11 crianças que possuíam quadro de isolamento extremo, ecolalia, obsessividade e estereotipia, nomeando seguindo a ideia de Bleuler, este artigo teve o título de “Autistic Disturbances of Affective Contact”. No ano seguinte o grande psiquiatra Hans Asperger publicou em sua tese de doutorado um estudo feito com 5 crianças com condições similares as descritas por Léo Kanner, onde utilizou a palavra autista para caracterizar tais indivíduos (ASSUMPÇÃO e KUCZYNSKI, 2015).

Com o avanço nos estudos algumas mudanças no tratamento surgiram em todos os campos. Houve a substituição de psicóticos para tratamento de sintomas-alvo, entre as terapias da psicoterapia de base analítica evoluiu para intervenções pedagógicas com foco no cognitivo-comportamental de acordo as dificuldades individuais, assim como a classificação, hoje já não é classificado como doença (ASSUMPÇÃO e KUCZYNSKI, 2015). “O termo 'atípicas' refere-se àquelas com condições neurodivergentes que fogem ao desenvolvimento considerado típico” (SANTOS et al. 2024 p.2).

O autismo é um transtorno complexo do desenvolvimento que envolve atrasos e comprometimentos nas áreas de interação social e linguagem, incluindo uma ampla gama de sintomas emocionais, cognitivos, motores e sensoriais (ASSUMPÇÃO e KUCZYNSKI 2015).

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014 p. 31.)

O TEA reduz o ritmo de desenvolvimento psiconeurológico, social e linguístico. Essas pessoas tendem a reagir de forma fora do padrão, no que se refere a experiências sensoriais segundo Sprovier (2015). A pessoa com autismo enfrenta desafios em interações sociais e comunicativas, interesse restrito, comportamentos estereotipados ou repetitivos (LOURENÇO et al 2015)

Segundo o DSM-5 (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014) o TEA possui 3 níveis, onde cada um apresenta suas particularidades. O nível 1 está caracterizado com dificuldade na comunicação social com níveis perceptíveis de dificuldade na comunicação social, demonstrando pouco interesse na mesma, não havendo flexibilidade em alguns comportamentos e ações. Enquanto o nível 2 apresenta grande dificuldade em se comunicar, seja de forma verbal e não verbal, inflexibilidade de mudar sua atenção e comportamentos restritos visíveis. Já o nível 3 apresenta condições mais avançadas, como dificuldade muito grande de

comunicação não-verbal, verbal e social, além da falta flexibilidade em lidar com mudança de rotina.

De acordo com Assumpção e Kuczynski (2015) As disfunções se expressam de forma distintas, sem obrigatoriedade de sintomas iguais em indivíduos, com isso as crianças podem ter o mesmo diagnóstico, mas com características diferentes. Os atrasos motores estão destacados desde os primeiros relatos, tanto nos casos de nível de suporte baixo, quanto nos casos mais altos.

“Déficits motores estão frequentemente presentes, incluindo marcha atípica, falta de coordenação e outros sinais motores anormais” de acordo com o DSM-5 (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014 p. 55). Entre os déficits necessários de intervenção, temos a performance motora envolvida com a coordenação motora, utilizados para a realização de movimentos como marcha, função dos membros, organização de movimento e equilíbrio. (LOURENÇO et al. 2015)

É possível, porém, que indivíduos com transtorno do espectro autista apresentem deterioração acentuada em sintomas motores e um episódio catatônico completo com sintomas como mutismo, posturas atípicas, trejeitos faciais e flexibilidade cética. (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014 p. 55).

“Quanto mais cedo estimular a criança, ela poderá desenvolver-se no âmbito social e familiar, e na medida que aprende com a troca social desperta-se para novos aprendizados superando dia a dia suas limitações” (SABURINO, 2016, p. 2). As abordagens são ainda mencionadas por Silva (2025) onde o mesmo traz que crianças com autismo devem ser acompanhadas de forma multidisciplinar, assim como intervenções terapêuticas, para que assim haja estimulação nos sistemas motor, cognitivo e social, contribuindo para seu desenvolvimento integral.

No entanto, segundo Ricco apud Young e Furgal (2017) o percentual de práticas de exercício físico das pessoas com autismo é relativamente baixo ao comparar com indivíduos que não possuem esse espectro.

3.3 ATIVIDADES AQUÁTICAS

Os primeiros povos, precisaram desenvolver estratégias que contribuíssem para sua sobrevivência, assim desenvolveram habilidades de se deslocar no meio

líquido, aperfeiçoando a pesca e passagem por aguádas. (MELO et al. 2020). Os primeiros registros históricos das atividades aquáticas estão nas pinturas rupestres em uma caverna em Gilf Kebir, em Wadi Sura, no deserto do Saara. Segundo Saavedra et al. (2005) essas pinturas possuem entre 6.000 a 8.000 anos.

Com o passar dos anos o nadar foi ganhando espaço entre as civilizações, na Grécia a natação começou a fazer parte da educação e posteriormente Roma adquiriu a natação também como parte da educação dos romanos, mas com caráter mais recreativa, lá existia piscina de até 70 metros. No Brasil a natação chegou na década de 60, sendo esta a pioneira entre os exercícios aquáticos. (MELO, 2020)

A chegada das pessoas com deficiência no esporte vem crescendo relativamente, exigindo estratégias de adaptação nas atividades para que essas pessoas tenham acesso. Essa crescente chegada aos espaços esportivos favorece a luta pela inclusão. (MARQUES et al. 2009) De acordo com a Constituição Federal, no Art. 217. “É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um”, no entanto pouco se encontra, programas públicos capacitados para acolher as crianças com necessidades atípicas.

As habilidades aquáticas são o conjunto de habilidades realizadas no meio líquido, desde as simples como caminhar, nadar, saltar e equilibrar, às complexas como natação, polo aquático, mergulho e surf (FREIRE e TOSTA 2020). De acordo com (BARBOSA, 2013) Os movimentos aquáticos podem acontecer de forma tridimensional, o que permite um aperfeiçoamento psicomotor significativamente maior. Segundo ele as aulas aquáticas possuem fundamentos psicomotores como manipulações, orientação espacial, ritmo, diferenciação cinestésica e reação.

A primeira fase da atividade aquática deve ser a adaptação ao meio aquático e os novos estímulos sensoriais, até a criança se adaptar, a água incomoda os olhos, o nariz, boca e os ouvidos. Além da estranheza em relação ao equilíbrio e respiração, quando comparado ao ambiente terrestre. Contudo, ao passar do tempo, o que era considerado negativo, poderá ser prazeroso Freire e Tosta 2020

A natação age no desenvolvimento do sistema neuromotor, desde a prevenção ao tratamento (MELO, 2020). A natação é um exercício motor que proporciona a criança vivenciar uma motricidade aquática de forma espontânea, que se torna muito importante para seu desenvolvimento.

Uma das vertentes da natação é a natação terapêutica, cujo foco se concentra em desenvolver aspectos motores, cognitivos, sensoriais e sociais de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse sentido, o poder da atividade terapêutica em meio aquático está muito relacionado com as propriedades da água e à possibilidade que oferecem ao nível do ajuste da informação sensorial. (SILVA 2025, p. 9).

De acordo com Lima (2020) temos as categorias dentro da natação que está dividido por meses e idades tendo em consideração também as habilidades de cada nível do desenvolvimento. bebê de 0 a 12 meses, bebê de 3 a 24 meses, bebê 3 de 25 a 36 meses, adaptação 3 a 4 anos, iniciação de 5 a 7 anos, aperfeiçoamento 1 de 7 a 9 anos e aperfeiçoamento 2 de 10 a 12 anos.

Entre os estilos da natação esportiva temos: crawl, costas, peito e borboleta. O nado crawl é o deslocamento em decúbito ventral com movimentos diferentes de membro superior para inferiores, sendo o superior com circundação alternada e inferior um batido alternado, com rotação de cabeça para inspiração. A movimentação do costas consiste realizar circundação de membros superiores e inferiores de forma alternada em decúbito dorsal. Já o peito se caracteriza de forma ritmada braços e pernas de forma circular, tendo o movimento de inclinação de ombro e quadril para a inspiração. O borboleta acontece em decúbito ventral, com circundação de braços, e batidas completas, movimentando todo o corpo com ondulação. (SAAVEDRA, ESCALANTE E RODRIGUEZ. 2003)

Permanecer ou estar na água é, do ponto de vista sensorial e psicomotor, amplamente diferente de estar situado ou posicionado em terra, por isso a especificidade de reaprendizagem postural e motora naquele movimento. Equilibrar, voltar, virar, baixar, levantar, saltar, correr, apoiar, agarrar, apanhar, prender- todos esses movimentos, na água, envolvem uma expansão e ampliação do repertório psicomotor da criança nadadora. (VELASCO 2019, p. 6).

As atividades aquáticas podem ter finalidade esportiva, de lazer ou reabilitação, o brincar contribui além do processo de ensino- aprendizagem das capacidades motoras, um dos vieses que pode ser trabalhado é a partir da relação entre professor e aluno, esta tem o foco no desenvolvimento de relações afetivas, sensibilidade, cooperação e expressividade. (FREIRE e SCHWARTZ, 2005).

3.4 ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM PRÁTICAS AQUÁTICAS DIRECIONADAS A CRIANÇAS COM TEA

De acordo com Freire e Tosta 2020 o ensino vindo de profissionais deve agregar mais na aprendizagem, visto que possuem mais embasamento que o ensino vindo de um leigo. A organização da aula deve acontecer com alvo na aprendizagem dos alunos, existem fatores determinantes como o professor, o aluno, o ambiente e o conteúdo. Deve-se traçar objetivos gerais e específicos, para serem executados a curto, médio e longo prazo. Segundo Melo (2020) o contato do aluno com o professor e seus colegas proporciona experiências de afetividade, a autoconfiança e a criatividade, favorecendo as interações sociais da criança.

A instrução é a base entre as práticas de ensino. Podendo ser verbal ou visual. Alguns fatores são considerados fundamentais para o professor, os quais são propostas pedagógicas, a condução da aula, os conteúdos e aspectos essenciais da atividade. (FREIRE e SCHWARTZ, 2005)

As atividades lúdicas nas aulas de natação e hidroginástica proporciona a realização de movimentos com maior emoção e intensidade, as ações motoras básicas, movimentos utilizados em fase de adaptação, transformados posteriormente em ações motoras aperfeiçoados. (FREIRE e SCHWARTZ, 2005)

Para o processo de aprendizagem planejada na natação infantil acontecer é necessário conhecer as fases o desenvolvimento infantil, conhecer a criança seus interesses e motivação, assim norteará o professor para uma melhor elaboração das aulas, O ambiente deverá ser organizado em de forma em que este tenha prazer em estar ali, para as crianças seguir uma aula a partir de métodos e regras pode ser desinteressante, visto a isso é mais favorável realizar tarefas dentro de uma brincadeira, esta consegue motivar a criança a prática feita com maior excelência e prazer, dessa forma faz toda a diferença do processo de ensino-aprendizagem. (CUMPIAN, 2016)

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Pereira et al. (2020) a partir de um programa de natação na cidade de Itabirito (MG) realizado pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) avaliou

por 10 semanas, 3 alunos, meninos diagnosticados com TEA, com idade distintas 8, 11 e 16 anos, as aulas aconteceram 1 vez por semana com duração de 30 minutos.

Em função das intervenções na natação, segundo o questionário respondido pelos pais, observa-se no aluno 1 a melhoria em atender ordens verbais, concentração, desenvolvimento da fala, e, melhora motora em imitar movimentos. No aluno 2 houve melhoras nos aspectos motivacionais, comportamental em atender ordens verbais, concentração, revelando também hiperatividade e movimentos estereotipados, quando comparado com a avaliação inicial. Já o aluno 3 não apresentou evolução mais acentuada tecnicamente, porém os pais, na entrevista, relataram a diminuição do peso corporal, e, melhora na desenvoltura mental. (PEREIRA et al. 2020 p. 8.)

Foi realizado um estudo de caso com 3 crianças do sexo feminino entre 11 e 14 anos que possuem autismo e participam do Programa de Atividades Aquáticas para Indivíduos com Deficiência Intelectual da Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, este tinha objetivo de analisar a representação emocional de crianças com TEA a partir de identificações e construções de expressões faciais, foi realizado avaliações pré e pós intervenção. (LÔ E DANIELA, 2010).

Como previa a literatura, o ambiente aquático favoreceu de forma significativa ao reconhecimento e assimilação dos sentimentos e emoções próprios dos participantes, e também permitiu um melhor entendimento à eles dos sentimentos das pessoas envolvidas no meio à qual estavam inseridos. (LÔ E DANIELA, 2010 p.16).

A partir do Projeto Girassol – Apoio Educacional Multidisciplinar a Pessoas com Transtornos Espectro Autístico – foi realizado um estudo de caso a partir da avaliação inicial e trimestral das aulas de atividades corporal em meio líquido de psicomotricidade e a natação, as aulas tinham duração de 50 minutos, as turmas tinham 2 a 4 crianças com idade entre 02 a 12 anos (SILVA et. al. 2017). Os efeitos obtidos foram:

Os resultados são percebidos em diferentes aspectos relevantes da vida das pessoas com autismo e seus familiares, a saber: a) Mudança de concepção do fomento das necessidades especiais de uma visão divina, feiticista para uma discussão humana,

socioeconômica e política; b) Aceitação, compreensão das famílias sobre a condição psicossocial do seu familiar com autismo; c) Melhorar a qualidade de vida das pessoas com autismo, envolvidas nas atividades de Psicomotricidade aquática e a socialização partindo do princípio das possibilidades individuais; d) Avanço nas relações sócio educativas no aprendizado e desenvolvimento psicomotor das pessoas com TEA, e uma relação humana e de respeito às diferenças entre os sujeitos da educação: educadores, dirigentes e familiares. (SILVA et al. 2017 p. 7).

foi analisado por Vasconcellos e Blant (2024) o projeto Natação+segura onde a partir de um estudo de caso observou-se o comportamento de 1 aluno da turma, um menino autista. Este projeto tem duração de três meses, com hora aula de 60 minutos e 1 vez por semana.

“Conteúdos procedimentais mesclados com conteúdos atitudinais e conceituais foram eficientes para melhorar tanto a aquacidade, quanto o nível de conhecimento preventivo de afogamento do aluno autista pesquisado” (VASCONCELLOS E BLANT 2024 p. 9).

Um projeto executado por professores de Educação Física e Fisioterapia que trabalham na Universidade de Passo Fundo e em uma escola conveniada, e seus respectivos estagiários tem como objetivo estimular o sistema motor e sensorial de alunos de uma escola pública de crianças autistas entre 5 e 12 anos acontece 1 vez por semana tendo duração de 2 horas, com 15 minutos para organização do material, 15 minutos para se vestir, 50 minutos de atividade na piscina e 20 minutos para se organizar a volta para casa. no fim do ano é realizado uma avaliação observacional, avaliação por questionário relatório de cada aluno. (BONA e MELLO, 2014).

“Por meio destas atividades aquáticas percebe-se que as crianças melhoram sua coordenação, controle corporal, comunicação e sociabilização” (BONA E MELLO, 2014 p.1). O projeto acontece apenas um dia na semana e consegue efetivar benefícios na vida dessas crianças, com a possibilidade de mais 1 dia essas crianças seriam mais estimuladas e podendo ter efeitos ainda melhores em seu desenvolvimento.

Berlese et al 2025 analisou desenho descritivo, quantitativo e transversal 16 crianças e adolescentes com idade entre 4 e 18 anos, onde foi realizado na fase pré-intervenção e 13 na fase pós-intervenção do projeto Água Azul, onde foi avaliado a motricidade fina, global e equilíbrio por meio da Escala de habilidades

motoras. Todos os participantes apresentaram frequência de até 70% nas aulas, 3 crianças saíram do projeto devido a logística das famílias.

Ao avaliar e comparar as habilidades motoras de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) participantes do projeto social "Água Azul", observou-se uma melhora nas variáveis motoras após a intervenção aquática. As atividades aquáticas mostraram-se uma ferramenta terapêutica eficaz no aperfeiçoamento das habilidades motoras, promovendo avanços em aspectos como equilíbrio, motricidade fina e global, essenciais para a autonomia e qualidade de vida dessas crianças. O ambiente aquático, ao reduzir o impacto e oferecer resistência natural, facilita movimentos que no solo poderiam ser mais desafiadores, especialmente para crianças com dificuldades motoras associadas ao TEA. (BERLESE et al. 2025 p.12).

Em uma pesquisa qualitativa e com predominância descritiva realizada no projeto Aqua Atividades foram avaliadas 5 crianças com idade entre 4 e 9 anos com diagnóstico de TEA, as aulas acontecem toda sexta feira, das 10hrs às 11hrs e tem como objetivo oferecer aos participantes a interação social através de um ambiente lúdico, com experiências livres. (GOMES, 2018)

Identificadas tanto pelos pais, quanto pelos voluntários e profissionais, de modo geral, as transformações ocorridas no comportamento das crianças investigadas, vão desde uma maior abertura a aproximação de outros, passando pela motivação para envolver-se e criar brincadeiras, o despertar do interesse em assuntos novos, a confiança de circular no lado fundo da piscina, chegando à procura pela interação. Estas são situações complementares e se traduzem na construção subjetiva da autonomia conquistada por cada criança, a sua forma (GOMES 2018 p.93).

Santos et. al. (2013) estudou os significados das emoções e sentimentos em indivíduos autistas a partir de 6 crianças que frequentavam regularmente a fisioterapia, com idade entre 4 e 11 anos. Os alunos faziam aulas de natação com duração de 30 minutos. Os dados foram coletados entre outubro de 2010 a janeiro de 2011.

Constatou-se que a ludicidade foi a principal característica da aula de natação, evidenciando a alegria em algumas crianças, promovendo a integração entre elas, auxiliando o desenvolvimento de sua capacidade de socialização e lapidando o potencial de cada

uma delas. Por fim, é válido ressaltar a importância da interação entre a prática aquática e o desenvolvimento biopsicomotor de indivíduos autistas, além da influência do papel lúdico em seu âmbito emocional.” (SANTOS et al. 2013 p.5).

Foi realizado um estudo por Gomes e Canova (2019) de campo para identificar influência da natação na ansiedade em indivíduos com transtorno do espectro autista na academia Oásis, onde 38 crianças foram avaliadas, sendo 31 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. A ferramenta de estudo foi o questionário HADS (escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão) este contém 8 perguntas sobre a ansiedade e 9 sobre a depressão.

“Na presente pesquisa houve um dado significativo, a melhoria do desenvolvimento físico e principalmente uma mudança positiva no controle de ansiedade após a prática de natação.” (GOMES E CANOVA 2019 p. 2)

Santos et al. (2020) realizou uma pesquisa descritiva e comparatória, primeiro uma revisão bibliográfica sobre natação e TEA, com esses achados foi planejado aulas no instituto espaço vida, ministrada pela mesma, as aulas aconteceram 1 vez por semana das 8 às 9:45 horas e tinham duração de 45 minutos. Utilizando métodos comparativos buscou-se identificar o desenvolvimento psicomotor nas aulas de natação.

Foi possível identificar evolução das crianças do Espaço Vida, onde por meio de análise observacional, em cerca de 1 mês já era possível identificar a melhora na flexibilidade e postura da criança, que saiam do estado de sedentários que é bem comum em crianças com TEA já que elas não têm facilidade na interação social isso faz com que se isolem e não pratiquem exercícios. (SANTOS et al. 2020 p. 9).

Oliveira, Santos e Santos et al. (2021) realizou um estudo de caso com menino de 5 anos que já praticava natação, este estudo foi descritivo e explicativo, durante 3 meses, duas vezes por semana com duração de 45 minutos, as aulas foram avaliadas. A criança apresenta autismo de nível 2 (moderado), esta foi inserida em uma turma de natação coletiva de acordo com a sua faixa etária. As aulas eram realizadas por um professor e estagiário.

“Os resultados apontam que houve melhoras significativas em aspectos fisiológicos, motores, sociais e cognitivos, contribuindo para o desenvolvimento global da criança com TEA.” (OLIVEIRA et al. 2021 p.14)

Foi realizado um estudo de caso com o objetivo de avaliar o desenvolvimento da ludicidade nas aulas de natação e a inclusão do aluno autista com o público da escolar de 3 anos da UFES. O estudo contou com 15 crianças, sendo 1 atípica e 14 típica. As aulas tiveram duração de 12 semanas, sendo realizadas 1 vez por semana das 14 horas às 15 horas, a turma era ministrada por 5 estagiários do curso de Educação Física. (CHICON, SÁ e FONTES et al. 2014)

A partir do processo de coleta de informações, das aulas observadas, destacamos as seguintes considerações:[...] e) a ação mediadora do professor de Educação Física foi considerada por nós decisiva para provocar avanços no aprendizado e desenvolvimento das crianças, o que não ocorreria espontaneamente; f) a ação de inclusão desenvolvida se mostrou profícua, facilitando a aproximação e interação dos alunos entre si. (CHICON et al. 2014 p. 19).

Em uma pesquisa de campo de transversal realizada por Assunção et al. (2024) teve o objetivo compreender os desafios e potenciais das aulas de natação para crianças com autismo na cidade de Goiânia e Brasília. Um questionário foi aplicado a 62 professores de Educação Física, tendo maior proporção de mulheres.

A pesquisa indicou que a adequada preparação do ambiente de aula para atender às demandas sensoriais dos alunos é fundamental para promover um processo educativo mais eficaz e tranquilo. A utilização de materiais específicos, como brinquedos e objetos preferidos, demonstrou ser benéfica para o engajamento dos alunos, bem como a redução de ruídos no momento da aula. (ASSUNÇÃO et al. 2024 p. 21).

De modo geral, os estudos aqui analisados produzem efeitos positivos na vida da criança com TEA, agindo de forma biopsicossocial, assim contribui na socialização, cognição, capacidades motoras e cognitivas. As atividades aquáticas tem muito a contribuir na vida da criança atípica, seja por metodologias usadas, condução das aulas, relação aluno- professor, ludicidade e brincadeiras livres ou guiadas. Tais ações tornam o aluno engajado com as aulas e um ambiente propício ao desenvolvimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo adquirir mais conhecimentos à cerca das crianças com autismo, a relação com as atividades aquáticas para esse público, a atuação do profissional de Educação Física e suas possíveis contribuições. Diante das fontes coletadas, fica evidente o poder do meio líquido no desenvolvimento dessas crianças, visto que as atividades aquáticas beneficiam a criança com autismo de forma biopsicossocial.

Os praticantes de exercícios aquáticos conseguem aperfeiçoar as habilidades sociais, através da relação entre o professor e os possíveis colegas, assim também a construção de novas relações. As atividades lúdicas nas aulas instigam os alunos a se motivarem e despertar interesses por novos assuntos, assim como a atenderem comandos verbais.

No sistema cognitivo foi notado reconhecimento e compreensão de sentimentos e emoções do outro, e também de si. Houve ainda melhora na concentração nas atividades.

Movimentos aquáticos mostram diversos benefícios no sistema motor, notou-se melhora no condicionamento cardiorrespiratório, assim também como diminuição do peso corporal, que é um desafio enfrentado devido aos efeitos colaterais dos medicamentos usados. As possibilidades de deslocamento na água beneficiaram ainda os movimentos em solo, que aconteceram com maior segurança após as intervenções, devido ao melhor controle corporal, equilíbrio e força. Outras capacidades físicas também foram avaliadas e tiveram resultados positivos como a flexibilidade, resistência, motricidade fina e global.

Faz-se necessário mencionar os limites enfrentados para construção desse estudo, assim como o tempo disponível para aprofundamento de informações, apesar de um grande referencial teórico apresentado, existiu dificuldades na busca pelos estudos científicos, principalmente com corte de pesquisas de campo. O Limite de páginas para o presente estudo também restringiu a ampliação de diferentes análises mais longas e detalhadas. Contudo, mesmo diante dos marcadores, buscou-se desenvolver um trabalho notório, que possa contribuir com a ciência e venha surtir efeito na vida das crianças atípicas de forma integral e equitativa.

Observa-se diante dos estudos analisados que existem lacunas a serem preenchidas. A respeito do presente estudo, o qual desperta o interesse em entender as metodologias e efetividade das atividades aquáticas na vida das crianças com TEA da região sisaleira, podendo ser analisadas a partir de uma pesquisa de campo. Assim como a produção científica a respeito da natação terapêutica para crianças com autismo ainda é mínima, se fazendo presente também na prática da hidroginástica, esta é uma importante atividade para fortalecimento muscular. A falta de estudo sobre os benefícios dessas práticas no contexto familiar também foi percebida, visto que com as melhorias alcançadas os alunos conseguem adquirir melhor autonomia, desvinculando algumas ações de dependência dos pais. Desta forma será possível entender inúmeras ações positivas que os exercícios aquáticos podem vim a ofertar na qualidade de vida da criança com autismo.

REFERENCIAS

ASSUNÇÃO, Amanda; CARVALHO, Cynthia; MOREIRA, Marcela; OLIVEIRA, Rayanne SANTOS, Zilda; MOREIRA, Linda. Da **resistência à inclusão: Desafios e potencial das aulas de natação para crianças com autismo**. REVISTA OBSERVATORIO DE LA ECONOMIA LATINOAMERICANA, fev. 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10265356>. Acesso em: 30 nov. 2025.

ASSUMPÇÃO, Francisco; KUCZYNSKI, Evelin. **Autismo infantil novas tendências e perspectivas**. Volume 2. São Paulo. Editora Atheneu, 2015. Disponível em: <https://www.atheneu.com.br/autismo-infantil-novas-tendencias-e-perspectivas-2-edicao?srsltid=AfmBOooFi31hDz7zfZ-0pL3F8iVfepdgbm15qzi9M1RuhRRfyXkCzMe0> acesso em: 10 de novembro de 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS DSM-5**. 5ª edição. Editora Artmed. 2014. Disponível em: <https://membros.analysispsicologia.com.br/wp-content/uploads/2024/06/DSM-V.pdf> Acesso em: 29 nov. 2025.

ANTUNES, Hanna; SANTOS, Ruth; CASSILHAS, Ricardo; SANTOS, Ronaldo; BUENO, Orlando; MELLO, Marco. **Exercício físico e função cognitiva**. Revista Brasileira de Medicina do Esporte. Vol. 12, abr. 2006. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/0bcea093-e400-4267-96ac-fcdd7fe6cbcb> Acesso em: 16 de nov. 2025.

BARBOSA, Tiago; COSTA, Mário; MARINHO, Daniel; SILVA, António; MARTINS, Marta; QUEIROS, Telma. **Jogos aquáticos nas sessões de atividades aquáticas na primeira infância**. Escola Superior de Educação Física de Jundáí., 2013. Disponível em: <https://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/3301/1/2013%20Barbosa%20et%20al%20Pulsar.pdf> Acesso em 22 nov. 2025.

BERLESE, Denise; SANFELICE, Gustavo; CAVALHEIRO, Geovani; MULLER, Eliza. **Habilidades motoras de crianças com transtorno do espectro autista participantes de um projeto social água azul: um estudo comparativo**. CUADERNOS DE EDUCACIÓN Y DESARROLLO, 5 fev. 2025. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/7459> Acesso em: 30 nov. 2025.

BONA, Cleiton; MELLO, Paulo. **ATIVIDADES MOTORAS E AQUÁTICAS PARA PESSOAS COM SÍNDROME DO ESPECTRO AUTISTA**. UNICEN, Buenos Aires 2014. Disponível em: <https://extension.unicen.edu.ar/jem/completas/495.pdf> Acesso em 30 nov. 2025.

Brasil LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Congresso Nacional, Brasília, 6 jul 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 10 de novembro de 2025.

CHAIKLIN, Seth. **A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PRÓXIMO NA ANÁLISE DE VIGOTSKI SOBRE APRENDIZAGEM E ENSINO.** Psicologia em Estudo, v. 16, n. 4, p. 659-675, out./dez. 2011.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/jCGfKbkrHPCr8KyZD4xjB3C/?format=pdf&lang=pt>
 Acesso em: 30 nov. 2025.

CHICON, José; SÁ, Maria; FONTES, Alayne. **Natação, Ludicidade e Mediação: a Inclusão da criança autista na aula.** Revista da Sobama. Jun 2014. Disponível em:
<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/3797/283> Acesso em: 30 nov. 2025.

CUMPIAN, Juliana. **Relação de atividades lúdicas e técnicas com a motivação de alunos de 3 a 6 anos nas aulas de natação.** Repositório UNICAMP, Campinas, 2016. Disponível em: https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=RELA%C3%87%C3%83O+DE+ATIVIDADES++L%C3%9ADICAS+E+T%C3%89CNICAS+COM+A++MOTIVA%C3%87%C3%83O+DE+ALUNOS+DE+3+A+6++ANOS+NAS+AULAS+DE+NATA%C3%87%C3%83O&btnG%20= Acesso em: 22 nov. 2025.

FIGUEIRÊDO, Marianna; DELEVATI, Dalnei; TAVARES, Marcelo. **Entre loucos e manicômios: história da loucura e a reforma psiquiátrica no Brasil.** Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais, Maceió 15 dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cdghumanas/article/view/1797> Acesso em: 11 nov. 2025.

FREIRE, Marília; TOSTA, Maciel. **Atividades aquáticas: estratégias, técnicas e métodos de ensino.** Edufba, Salvador, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32483> Acesso em: 22 nov. de 2025.

FREIRE, Marília; SCHWARTZ, Maria. **Atividades lúdicas em meio líquido: aderência e motivação à prática regular de atividades físicas.** Revista digital, Buenos Aires, abr. 2005. Disponível em:
<https://www.efdeportes.com/efd83/ludicas.htm> Acesso em 23 nov. 2025.

GOMES, Giovana; CANOVA, Fernando. **INFLUÊNCIA DA NATAÇÃO NA ANSIEDADE EM INDIVÍDUOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.** Revista Científica UMC, out. 2019. Disponível em:
https://www.umc.br/img/diversos/pesquisa/pibic_pvic/XXII_congresso/artigos/g/GiovanaFelicioGomes.pdf Acesso em: 30 nov. 2025.

KUTIANSKI, Felipe; BRAUER, André. **Da antiguidade a contemporaneidade: uma revisão histórica do preconceito aos deficientes físicos na sociedade.** Cadernos da Escola de Educação e Humanidades. Volume 1, 13 fev. 2017. Disponível em:
<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoseducacaoehumanidades/article/view/2082>. Acesso em: 10 novembro 2025.

LIMA, William; MARCHETTI, Almir; PINHEIRO, Ana; ZOCATELLI, Marcio; MADUREIRA, Fabrício. **Natação infantil no Brasil: Um olhar sobre a magnitude da adesão em diferentes fases do nadar.** FIEP BULLETIN, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fabricio-Madureira-2/publication/350938604_NATACAO_INFANTIL_NO_BRASIL_OLHAR_SOBRE_A_MAGNITUDE_DA_ADESAO_EM_DIFERENTES_FASES_DO_NADAR/links/681a0bbb60241d514023615b/NATACAO-INFANTIL-NO-BRASIL-OLHAR-SOBRE-A-MAGNITUDE-DA-ADESAO-EM-DIFERENTES-FASES-DO-NADAR.pdf Acesso em: 28 nov. 2025.

LÔ, Eliana; GOERL, Daniela. **Representação Emocional de Crianças Autistas Frente a um Programa de Intervenção Motora Aquática.** Revista Graduação, 2010. Disponível em: <https://pucrs.emnuvens.com.br/graduacao/article/view/7902> Acesso em: 29 nov. 2025.

LOURENÇO, Vieira; ESTEVES, Maria; CORREDEIRA, Rui; SEABRA, André. **Avaliação dos efeitos de programas de intervenção de atividade física em indivíduos com transtorno do espectro do Autismo.** Scielo, jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/qfff4nLB5RvtzRYpzf9RzCk/abstract/?lang=pt> Acesso em: 22 nov. 2025.

MARQUES, Renato; DUARTE, Edison; GUTIERREZ, Gustavo; ALMEIDA, José; MIRANDA, Tatiane. **Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea.** Revista Educação Física e Esporte, São Paulo, 23 dez 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/XbKyWDkTZvw7p9HsdDbMVw/abstract/?lang=pt> Acesso em: 11 de novembro de 2025.

MARTINS, Heloisa. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** Educação & Pesquisa, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/27936/29708> Acesso em: 02 dez. 2025.

MELO, Janaína; SOUZA, Jessica; LIMA, Raiane; SILVA, Sebastião; SANTOS, Givanildo. **Benefícios da natação para crianças e adolescentes.** Brazilian Journal of Development. Curitiba, ago. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/15672> Acesso em: 16 nov. 2025.

OLIVEIRA, Jessica; SANTOS, Kamyla; SANTOS, Cátia. **BENEFÍCIOS DA NATAÇÃO PARA A CRIANÇA AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO.** Vita et Sanitas, jan 2021. Disponível em: <https://unigoyazes.edu.br/revistas/index.php/VitaetSanitas/article/view/205/231> Acesso em: 30 nov. 2025.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PAPALIA, Diane; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano.** 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2021.

PEREIRA, Thaiany; ANTONELLI, Paulo; OLIVEIRA, Emerson; FERREIRA, Renato. **Avaliação das variáveis comportamentais e habilidades aquáticas de autistas participantes de um programa de natação.** Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8652396> Acesso em: 29 nov. 2025.

RISSON, Ana. **Psicologia da educação.** Editora São Braz, 2019. Disponível em: <https://santamariadooeste.pr.gov.br/pdf/covid/Psicologia%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2025.

SAAVEDRA, José; ESCALANTE, Yolanda; RODRIGUEZ, Ferran. **Evolução da natação.** Revista Digital - Buenos Aires, nov. 2003, Disponível em: https://www.geocities.ws/aquabarra_aabb/Artigos/Adaptacao/Texto_04.pdf Acesso em: 16 nov. 2025.

SABURINO, Janaína. **A atuação do professor como mediador no processo de inclusão social da criança com autismo.** Revista internacional de audición y lenguaje, logopedia, apoyo a la integración y multiculturalidad, jul. 2016. Disponível em: <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/riai/article/view/4216/3441> Acesso em: 27 nov. 2025.

SANTOS, Daniela. MIRANDA, Lara. SILVA, Emília. MOURA, Petrucio. FREITAS, Clara. **Compreendendo os significados das emoções e sentimentos em indivíduos autistas no ambiente aquático.** Conscientiae Saúde, 04 abr 2013. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/saude/article/view/3983> Acesso em: 30 nov 2025.

SANTOS, Gabrielli; PAIS, Ana; SANTOS, Luiz. **OS DIREITOS DAS PESSOAS AUTISTAS E ATÍPICAS: UMA ANÁLISE JURÍDICA DAS GARANTIAS FUNDAMENTAIS E DA INCLUSÃO SOCIAL.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v. 10, n. 11, nov. 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16498/9204> Acesso em: 03 dez. 2025.

SANTOS, Mylli; SILVA, Nataly; SILVA, Felipe; NASCIMENTO, Bruno; FLORÊNCIO, Adriano; CARMO, Danyela; DIONÍSIO, Wesley; SANTOS, Gabrielly. **O benefício da natação no tratamento de crianças diagnosticadas com TEA: um relato de experiência do trabalho realizado no instituto espaço vida no município de Vitória De Santo Antão-PE.** Brazilian Journal of Development, jun. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/11375/9488> Acesso em: 30 nov. 2025.

SILVA, Crystina; CRUZ, Cândida; SOUZA, Rita. **A PSICOMOTRICIDADE AQUÁTICA COM CRIANÇAS AUTISTAS.** ENFOPE, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/83526323/A_Psicomotricidade_Aqu%C3%A1tica_Com_Crian%C3%A7as_Autistas Acesso em: 29 nov. 2025.

SILVA, Daniele. **A NATAÇÃO TERAPÊUTICA PARA CRIANÇAS AUTISTAS: Um Relato de Experiência.** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/fa659e35-3b55-415b-ac90-a61cfc82c2bb/content>. Acesso em: 30 nov. 2025.

VASCONCELLOS, Marcelo; BLANT, Gabriele. **RELATO DE PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇA AUTISTA NA AULA DE NATAÇÃO COM METODOLOGIA NATAÇÃO + SEGURA** revista carioca de educação física, 2024
<https://www.revistacarioca.com.br/revistacarioca/article/view/143> Acesso em: 30 nov. 2025.

VELASCO, Cacilda. **As possibilidades psicomotoras na água.** Revista iberoamericana de psicomotricidad y técnicas corporales. 12 dez. 2019. Disponível em: <https://cacildavelasco.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Revista.pdf> Acesso em: 26 nov. 2025.